

CONTROVÉRSIAS E MEDIAÇÕES NO ESPAÇO PÚBLICO

Eduardo Rocha¹

Logo que fui convidado para participar do VI SEAD, pela Profa. Solange Mittimann estava literalmente viajando, em outras terras, a trabalho, na *Oxford Brookes University*, ministrando uma oficina de *collage* urbana², e apenas disse “sim”, por e-mail, sem saber exatamente do que se tratava. Isso aconteceu em março desse ano, 2013. Desde então essa ideia de falar num congresso de Análise do Discurso vem me assombrando. Porque me convidaram? Quem me indicou? O que esperam da minha fala ou do meu discurso? Que desafio.

Não trabalho com análise do discurso, talvez apenas produza material com potência para tal. Dispositivos.

O tempo foi se esgotando e resolvi perguntar para a Profa. Solange, agora minha “amiga” em rede social (*facebook*), o que esperavam com a minha presença? (Figura 1).

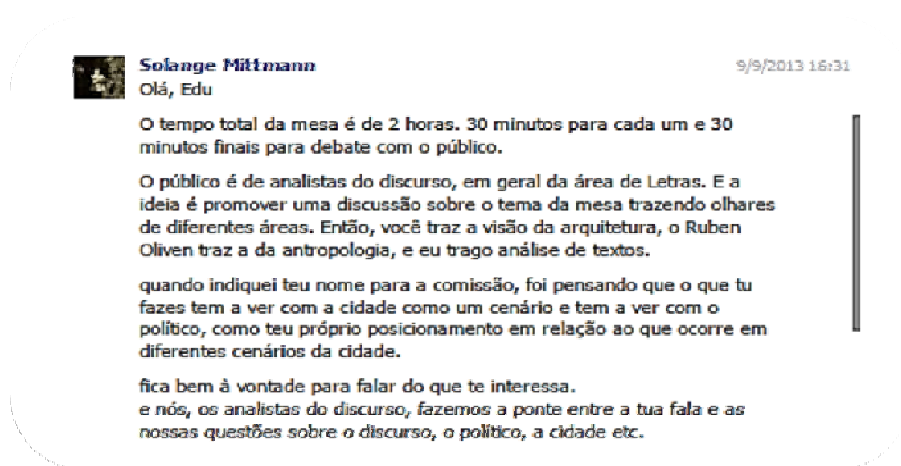


Figura 1 - Resposta da Profa. Solange Mittimann aos meus questionamentos sobre minha participação no VI SEAD. Fonte: Facebook, 2013.

Ela prontamente respondeu que: “a ideia é promover uma discussão sobre o tema da mesa trazendo olhares de diferentes áreas”, ainda me disse mais: “quando te indiquei para a comissão, foi pensando que o que tu fazes tem haver com a cidade como um cenário e tem haver com o político”.

¹ Doutor em Arquitetura (PROPAR/UFRGS, 2010), professor e pesquisador na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAUrb), Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PROGRAU), da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), e-mail: amigodudu@yahoo.com.br.

² Ver mais em: <<http://faurbufpel.wix.com/urbancollage>>



Nesse momento comecei a montar meu mapa, a pensar. A primeira interferência que me veio a mente foi do vídeo “Prisma”³ (MORELATTO, 2012), produzido por um grupo de alunos e por mim, durante uma disciplina da graduação, chamada cidade e comunicação audiovisual, na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFPel, no ano de 2012. Foram produzidas várias peças fílmicas, por diversos grupos de alunos, mas esta em especial traz alguns avanços e resume de certa forma o que vem a seguir. Tinham ou tem o “objetivo” de dar visibilidade a uma imagem cristal de cidade, objetivo alinhavado nessa escrita.

Não sou um exemplo de arquiteto e urbanista que pensa a cidade a partir do salubrinismo, da limpeza estética, do ritmo, da proporção, da simetria, clareza, etc. são essas as “leis da arquitetura”. Regidas pela tríade vitruviana: forma, função e beleza⁴. Eu dispenso esses conceitos, sinto por frestas, doentes, sujas, des-ritimadas, desproporcionais, assimétricas, obscuras, dobradas, rasgadas ou abandonadas.

Abandonando ou abandonado entramos em uma espécie de colapso psicótico, tornando possível repensar nossa temporalidade, nossos modos de vivenciar a história e todas as nossas lógicas de visibilidade. Tudo que o estado da loucura dispara e conturba. Vamos ouvir a loucura nas adjacências do pensamento esquizofrênico proposto por Deleuze e Guattari. Tal qual uma imagem cristal, um espelho multifacetado, desdobrado e indiscernível (DELEUZE, 2005, p. 105).

Espelhos que não queremos ver, como o que nos olha e nos cega. Espelhos da exclusão. E a partir do espelho – arquitetura/cidade do abandono – procuramos desfazer-nos de certas ordens cristalizadas no espelho cidade, incluindo aí novos e estranhos fragmentos, a fim de criar outras ficções de vida, outras vidas. Toda arquitetura do abandono na vizinhança da loucura, limítrofe, fronteira – diferente do que divide o que é, e o que não é, mas numa fronteira que embaralha. Ali no entroncamento do impensável entre a subjetividade, a cultura, a ruína, próxima aos conceitos insólitos e de todas as insubordinações desarrazoadas (ROCHA, 2010).

Nós arquitetos nunca olhamos para o que chamamos de abandonos, existe uma zona cinzenta que nos faz cegar, ou olhamos para traz, para o passado e analisamos os acontecimentos desde um ponto de vista histórico cronológico – *Cronos*, ou olhamos adiante a partir dos processos de revitalização e restauro dos edifícios e dos lugares, mas nunca para esse tempo hoje, para aquilo que está ali a nossa frente. Ao contrario nessa zona cinza e abandonada, subsiste, passado e futuro, é *Aion*. Abandonos não são pensados aqui como um agora que estende seus tentáculos em direção ao passado ou ao futuro, mas sim a um futuro e um presente que se fragmenta a cada momento, abandona, se deixam levar, tudo na coexistência *Aion* e *Cronos*, *Cronos* e *Aion* – um inventa o outro –, e assim infinitamente.

³ Assistir ao vídeo “Prisma” em: <<http://vimeo.com/76833394>, senha: prisma2013>

⁴ Originalmente em Vitruvius: a *firmitas* (que se refere à estabilidade, ao carácter construtivo da arquitetura), a *utilitas* (que originalmente se refere à comodidade e ao longo da história foi associada à função e ao utilitarismo) e a *venustas* (associada à beleza e à apreciação estética).

Abandonos como sumidouros, a abertura profunda em que alguma coisa some, uma fenda na terra, uma fresta na janela, uma nesga de luz. Por esse tempo sumidouro das arquiteturas do abandono que acaba por sumir-surgir, escoar-repressar, tudo percorrido vertente abaixo pelos tempos de *Aion* e *Cronos*. Essas passagens, perpassando abandonos, que configuram todo um universo de experiências e problemáticas que apresentamos aqui neste texto.

Desde minhas experiências docentes, os abandonos sempre estiveram presentes, em orientações, pesquisas, trabalhos de extensão e mesmo nas conversas com alunos¹. Por diversas vezes foram alvo de minhas inquietações e formulações. Ao deparar-se com uma arquitetura do abandono, podem-se esperar reações diversas, desde a angústia, a melancolia, a tristeza, o asco, até a captura, a liberdade, o amor e a morte. Foucault diz que:

[...] Não vivemos em um espaço homogêneo e vazio, senão, bem ao contrário, em um espaço povoado de qualidades, um espaço de nossos sonhos, de nossas paixões que conservam em si mesmos qualidades, que poderíamos dizer intrínsecas; espaço leve, etéreo, transparente, ou escuro, cavernoso, teimoso; é um espaço que pode fluir como uma corrente de água, um espaço que pode ser fixado, concretado como a pedra e o cristal (FOUCAULT, 1997, p. 47).

Tudo qual Virílio (1998), conta em sua *Estética de la desaparición*, como metamorfose, da arquitetura abandonada amorfa, que mutante – nunca é o que se pensa, o que se vê, o que se toca, o que se cheira – é perpétua anamorfose. Tal qual como acontece no cinema, quando a máquina de projeção para de emitir sua luz. Ou a imagem-cristal, de Deleuze, que pode ter muitos elementos, desdobrado no tempo presente e passado, como um jato que jorra em duas direções, um que se lança para o futuro, outro que cai ao passado. É o tempo amorfo do acontecimento.

A partir de Bergson, Deleuze em seus livros sobre cinema (2005), começa a formar uma espécie de “política da imagem”: imagem-movimento, imagem-tempo e a imagem-cristal. Nesse percurso a partir da imagem inventaram-se alguns questionamentos, que perseguem a mim e aos meus trabalhos sobre a cidade na contemporaneidade:

Quanto tempo essa imagem fica no ar? Ou quanto tempo eu dou para essa imagem?

O que jorra dessa imagem? Que infinita quantidade de pensamentos?

A imagem cristal é a cisão do tempo e do movimento, o recorte, a fresta. É a vida escoando pelos furos ou pelas diversas faces do cristal (Figura 2).

Por sua vez a cidade cristal, tem sua face transparente, visível e atual, assim como uma imagem invisível opaca e virtual. Giorgio Agamben (2002) diria do poder soberano e da vida nua. Espinoza nos aporta a coexistência dessas imagens, a ativação de um circuito de virtualidade e opacidade.



Figura 2 - *Performance Incorporação*. Foto: Deka Allemand, 2012.

Essas experiências no meio urbano apresentam dupla face, tudo concorrendo para a produção de sentido, de novas ideias, modos de vida, sobrevivências e políticas.

Os movimentos⁵ acontecem sobre as fronteiras das ciências da educação (que busca organizar o pensamento, próprio da academia), da filosofia (procura explicar ou reexplicar) e das artes (sem compromisso, que mergulha). A fronteira aqui, é uma fronteira que não divide, mas que une. Fronteira cinza, da bruma, na possibilidade de viajar por territórios extra arquitetônicos, constituído discurso e conceitos.

A ciência da educação do arquiteto e urbanista, cidadão e da cidade, que compreende e sente o projetar a cidade como um processo, em constante análise, melhor para mim esquizoanálise.

A esquizoanálise resgatada por Guattari e Deleuze, que vem do germânico *skhízein* (esquizar) e significa fender, dividir o todo em partes, processo filosófico por meio do qual se sobe dos efeitos as causas, do particular ao geral, do simples ao composto. Consiste em uma ampla leitura da realidade, tanto natural, quanto social, subjetiva e industrial-tecnológica, assim como de uma realidade “outra”, pluripotencial e imperceptível (Figura 3).

Une-se a educação desse arquiteto e urbanista, a filosofia da diferença deleuze-guattariana, que busca a diferença na estrutura das coisas, na estrutura da cidade, do bairro, da rua, das praças, na diferença material e imaterial. “A diferença em si”, na fronteira.

⁵ Os agenciamentos (acontecimentos multidimensionais) que vem sendo produzidos são os mais diversos na academia, em atividades de ensino, pesquisa e extensão. Hoje nos cursos de Graduação e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas. Com experiências em diversas outras universidades: UFRGS, ULBRA-Santa Maria, UCPel, FURG-Rio Grande. Em parcerias e convidado do Laboratório Urbano da UFBA-Salvador, GPA da FADU-Buenos Aires, Experimenta Arquitetura Derrida e Interconexões do PROPARG/UFRRGS e o Urban Design Experience da Oxford Brookes University.



Figura 3 - Collages em projeção. Foto: Ivan Kuhlhoff, 2012.

Por fim, as artes que são capazes de não explicar, não organizar, mas fazer o pensamento avançar. Sair da linha, da árvore, do poder soberano, da academia. Tirar fora do eixo, mergulhar. Meus trabalhos vêm roubando técnicas, metodologias, processos da arte conceitual, das *collages*, da *performance*, do cinema, da intervenção urbana e de algumas coisas que nem sei nomear.

Pensar na educação, na filosofia da diferença e nas artes, tudo coexistente. Árvore e rizoma ao mesmo tempo, deslizando por espaços lisos e estriados, dando sentido à vida; fez-me pensar que tudo isso é política. Política é produção de subjetividade. E sentir a diferença na resistência é uma posição política. Traçar um mapa, uma cartografia (ROCHA, 2008). Esse jogo cartográfico faz com que o cidadão atravesse suas fronteiras e entre em novos “nódulos” (LYNCH, 1995) que definem escolhas, preferências e políticas.

Tais cartografias, ora sentimentais, ora urbanas, ora sensíveis, são desenhadas por suas mais diversas controvérsias e mediações, num espaço urbano público x privado em crise. Controvérsia como o resultado de uma multiplicidade de situações, habitadas por uma diversidade de atores e cenas urbanas (GRIS PUBLICO AMERICANO, 2010). Mediações rizomáticas, que podem levar o pensamento (avançar, potencializar) para estar sensível a multiplicidade de entradas e saídas para interpretar um espaço público, mover-se junto ao pensamento do público/estudante/pesquisador ou levá-los para novas direções, sem negar outros caminhos possíveis, também, pensar a própria mediação como um ponto desse rizoma, que se conecta com as experiências anteriores, tudo que é ativado no percurso, e que – espera-se – se ligarão a futuras experiências, criando marcas, para além daquele momento específico, marcas que cada um possa levar para sua vida e para a do outro (Figura 4). Ou simplesmente cidade imagem-cristal.



Figura 4 - Imagem na coleta de dados do projeto Para-formal no centro da cidade. Autor: Edu Rocha, 2012.

REFERÊNCIAS:

- AGAMBEN, Giorgio. *Homo sacer: o poder soberano e a vida nua I*. Belo Horizonte: UFMG, 2002.
- DELEUZE, Gilles. *A Imagem-tempo: cinema II*. São Paulo: Brasiliense, 2005.
- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Felix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Editora 34, 1995.
- FOUCAULT, Michel. *Los espacios otros. Astrágalo*, 46-49, 1997.
- GRIS PUBLICO AMERICANO. *Para-formal: ecologias urbanas*. Buenos Aires: Bisman Ediciones/CCEBA Apuntes, 2010.
- LYNCH, Kevin. *Echar a perder*. Barcelona: Gustavo Gili, 1995.
- MORELLATO, Natalia (dir.). *Prisma*. Pelotas: UFPel, 2012, 7 min. [curta metragem].
- ROCHA, Eduardo. *Arquiteturas do abandono: ou uma cartografia na fronteira da arquitetura, da filosofia e da arte*. Porto Alegre: PROPAR/UFRGS, 2010. [tese de doutorado].
- ROCHA, Eduardo. *Cartografias Urbanas*. In: Revista Projectare. n. 2. p.162-172. Pelotas: UFPel, 2008.
- VIRILIO, Paul. *Estética de la desaparición*. Barcelona: Anagrama, 1998.